

O Deus dos Desastres

Vincent Cheung

Copyright © 2006 de Vincent Cheung. Todos os direitos reservados.

Publicado por [Reformation Ministries International](#)
PO Box 15662, Boston, MA 02215, USA

Tradução de Felipe Sabino de Araújo Neto
Revisão de Rogério Portella

Todas as citações bíblicas foram extraídas da *Nova Versão Internacional* (NVI), © 2001, publicada pela Editora Vida, salvo indicação em contrário.

MIQUÉIAS 2:1-3, 6-7, 11

Ai daqueles que planejam maldade, dos que tramam o mal em suas camas! Quando alvorece, eles o executam, porque isso eles podem fazer. Cobiçam terrenos e se apoderam deles; cobiçam casas e as tomam. Fazem violência ao homem e à sua família; a ele e aos seus herdeiros. Portanto, assim diz o Senhor: “Estou planejando contra essa gente uma desgraça,¹ da qual vocês não poderão livrar-se. Vocês não vão mais andar com arrogância, pois será tempo de desgraça.

“Não preguem”, dizem os seus profetas. “Não preguem acerca dessas coisas; a desgraça não nos alcançará.” Ó descendência de Jacó, é isto que está sendo falado: “O Espírito do Senhor perdeu a paciência? É assim que ele age?” “As minhas palavras fazem bem àquele cujos caminhos são retos

Se um mentiroso e enganador vier e disser: ‘Eu pregarei para vocês fartura de vinho e de bebida fermentada’, ele será o profeta deste povo!.

Pequenos desastres acontecem todos os dias. Desastres maiores não são tão freqüentes, mesmo assim, vários deles ocorrem todos os anos. Um acidente pode mutilar e matar várias pessoas. Uma floresta em chamas pode deixar delas centenas sem casa. Desastres naturais tais como furações, terremotos e tsunamis podem eliminar milhares de seres humanos. E algumas guerras matam muitas pessoas.

Os homens sempre se interessaram em relacionar esses acontecimentos com o que pensam saber sobre Deus e sobre si mesmos, e o fazem de forma coerente com suas cosmovisões. Entretanto, muitas pessoas adotam linhas de pensamento incapazes de lidar com catástrofes e, dessa forma, pensam nos desastres apenas como algo aleatório, sem sentido e inexplicável. Algumas pessoas se refugiam no pragmatismo, focando-se em juntar pedaços; outras são dirigidas ao cinismo e desespero.

Porém, quer proponham explicações próprias, quer não, ainda que as explicações concordem ou não umas com as outras, elas estão unidas em condenar quem afirma tratar-se de atos divinos para castigar os pecadores – adoradores de ídolos, blasfemadores, assassinos, fornicadores, fraudadores, opressores, amantes de si mesmos e não de Deus, e todos os que desejam eliminar os sinais da existência de Deus de tribunais, escolas e famílias.

Isso não se dá pela possibilidade da comprovação da inocência dessas pessoas, ou da atestação de que Deus não pune, mas pelo anátema imposto sobre quem ousa sugerir que Deus os castigaria com guerras, enchentes e incêndios que às vezes matariam milhares de pessoas. Qualquer um que ouse sugerir que um desastre pode ser a punição divina legítima aos malfeitores é considerado cruel, antipatriótico, ou coisa semelhante. Deve-se ressaltar que entre esses indivíduos encontram-se tanto não-cristãos quanto cristãos professos. Eles se recusam a crer que Deus seja a causa de que *qualquer* desastre natural ou “realizado pelo homem” como juízo contra os transgressores e advertência para os demais.

¹ Nota do tradutor: “Estou planejando contra essa gente um desastre”, na versão do autor (NIV).

Entre outras coisas, os profetas bíblicos faziam previsões e eram intérpretes divinamente inspirados da providência. Eles declarariam ao povo o que Deus estava para fazer e o porquê de sua ação. E após algo ter acontecido, eles poderiam oferecer uma interpretação autorizada de como o acontecimento se encaixava no plano de Deus.

Eles eram capacitados pelo Espírito para “ler” infalivelmente a providência. Sem essa inspiração divina, seria perigoso tentarmos fazer o mesmo. Isso não significa a ausência de conhecimento sobre as intenções e os propósitos de Deus, mas não devemos ultrapassar a revelação e cair na especulação. Por outro lado, isso também significa que enquanto permanecermos na revelação da Escritura, é possível chegar a algumas interpretações gerais do que Deus faz no mundo e na nossa vida.

A Bíblia nos diz que Deus pune os pecadores tanto com desastres naturais quanto com os “realizados pelo homem”, desde contratempos e inconveniências do dia-a-dia até enchentes, terremotos, pragas, fomes, nevascas, e assim por diante. Todas as coisas ocorrem pelo decreto e poder soberano de Deus.

Algumas delas envolvem decisões e ações humanas, e assim, distinguimos desastres naturais dos “realizados pelo homem”. Isso não é atribuir liberdade aos seres humanos nesses acontecimentos, como se pudessem fazer algo sem o poder direto, ativo e constante de Deus, movendo-os a pensar e realizar o que ele tenha decretado, mas é enfatizar o controle divino tanto da natureza quanto do homem, de forma que até mesmo os chamados desastres “realizados pelo homem” foram planejados e causados por Deus. Esses incluem guerras, terrorismo e genocídio. Os desastres são “realizados pelo homem” somente em sentido relativo. Assim, segundo nosso propósito, a distinção não é estritamente necessária. Ressaltamos que Deus é a causa direta, soberana e justa de todos os desastres de todos os tipos.

A partir desse ensino bíblico, podemos então formar interpretações gerais dos vários atos da providência, incluindo desastres naturais e “realizados pelo homem”. E temos a garantia da Escritura para dizer que quando desastres como furacões, tsunamis, e até mesmos ataques terroristas ocorrem, matando milhares de pessoas, há *quase* sempre um elemento de castigo divino. Para falar de maneira clara, Deus mata pessoas por serem pecadoras e merecerem morrer, e por ser o tempo para puni-las. Não é esse o ensino escriturístico? Se você rejeita isso, pode parar também de se chamar um cristão, pois sua fé descansa em si mesmo e em suas opiniões, e é evidente que você não tem nenhuma consideração para com Deus e a Escritura. Então, outro efeito tencionado por esses desastres é despertar os eleitos e endurecer os réprobos.

O elemento humano complica o assunto, embora não para quem lê e afirma a Escritura, e que não se indignou com o ensino que não pode mais pensar claramente. O que complica o assunto, para alguns, é que as próprias pessoas usadas por Deus para punir pecadores são, não raro, igualmente ímpias. A Escritura trata disso em diversos lugares. Quando Deus usa o ímpio para punir o culpado, ele também planeja punir esse instrumento da providência no futuro. De fato, Deus move-os para realizar atos adicionais de impiedade e cumprir seu decreto: fazê-los incorrer numa ira ainda maior.

Isso foi demonstrado várias vezes na história de Israel. Quando o povo caiu em pecado e idolatria, Deus enviou nações estrangeiras para massacrá-los e escravizá-los. Mas esses invasores também estavam sujeitos à ira de Deus, e precisamente por terem massacrado e escravizado o povo de Deus (movidos pelo poder divino) que o juízo de Deus caiu sobre eles

também, não muito tempo depois. Considere Israel no tempo de Cristo. O Filho de Deus veio e os judeus o assassinaram, dizendo: “Que o sangue dele caia sobre nós e sobre nossos filhos!” (Mateus 27:25). Deus fez com que o pedido deles fosse realizado. Dentro de uma geração, os romanos saquearam e queimaram Jerusalém, e a devastaram completamente. Mas Deus também destruiu os romanos. Esse é o padrão da providência.

Apenas a menção desse fato é considerada anti-semita para muitas pessoas, mas elas são hipócritas. Que os judeus primeiro respondam pelo assassinato de Cristo e dos milhares de cristãos que pereceram no início da igreja, e então poderemos falar sobre anti-semitismo. A verdade é que esses desastres foram obra de Deus, e adotar a mentalidade de que as vítimas são sempre inocentes é mostrar que as pessoas ainda não aprenderam com a própria história. Como nos dias de Miquéias, elas ainda dizem: “A desgraça não nos alcançará. O Espírito do Senhor perdeu a paciência? É assim que ele age?”. Mas, a menos que eles se arrependam e creiam no evangelho, nem mesmo mil holocaustos se assemelharão ao tipo de sofrimento que experimentarão após essa vida. Certamente, isso não é verdade apenas para os judeus, mas para todas as pessoas de todos os lugares.

Por isso, é verdade que podemos ler a providência de modo geral a partir das informações dadas pela Escritura. Mas devemos nos assegurar de que conhecemos realmente o que a Bíblia ensina e evitamos ir além do que ela diz em nossa interpretação. Para ilustrar: os amigos de Jó, que tentaram confortá-lo, terminaram confundindo e até mesmo difamando seu caráter, pois interpretaram incorretamente o motivo para aqueles desastres terem caído sobre Jó. A Bíblia não diz que os desastres *sempre* ocorrem como castigos divinos ou porque as vítimas pecaram. Lembre-se de João 9, onde Jesus e seus discípulos se depararam com um homem cego de nascença. Os discípulos enunciaram sua suposição ao perguntarem: “Mestre, quem pecou: este homem ou seus pais, para que ele nascesse cego?”. Jesus respondeu: “Nem ele nem seus pais pecaram, mas isto aconteceu para que a obra de Deus se manifestasse na vida dele”.

Todavia, isso não nos faz retroceder ao desconhecimento total dos significados e propósitos dos atos da providência divina. Os princípios estão na Escritura, mas os amigos de Jó e os discípulos de Jesus presumiram excessivamente, e os aplicaram de modo equivocado. Devemos evitar emitir avaliações específicas sobre a razão de algo acontecer, pois ainda que estejamos parcialmente corretos, Deus pode ter várias razões para realizar seus atos, e não somente a que você imaginou.

Por outro lado, quem insiste que certo desastre no qual muitas pessoas pereceram não ocorreu como juízo divino comete o mesmo erro, apenas na direção oposta. Eles alegam conhecer a mente de Deus numa proporção maior que a declarada na Escritura. Quanto ao que rejeita a idéia da retribuição divina por meio de acidentes naturais e de desastres “realizados pelo homem”, e da morte de milhares de pessoas no processo, seu problema é incredulidade na Bíblia, e por isso, deve ser abertamente confrontado e refutado nesse ponto. Uma coisa é debater se determinado desastre é juízo de Deus ou não, em que sentido ele é juízo divino, ou se o juízo é a principal razão, mas rejeitar esse conceito de imediato é puro preconceito.

A Bíblia denuncia repetidamente como falsos profetas quem oferecia falso conforto. Eles pregavam “paz, paz” quando não havia paz (Jeremias 6:14). Anunciavam a prosperidade quando a calamidade estava às portas. Deus condenou-os porque “tratam da ferida do meu povo como se não fosse grave” (Jeremias 6:14). Já os verdadeiros profetas de Deus, que

recebiam mensagens dele, entendiam que “para os ímpios não há paz” (Isaías 57:21). Anunciavam o juízo a quem pecava.

Considere os desastres naturais mais destacados e recentes e também os “realizados pelo homem” em várias partes do globo. Posso dizer, no mínimo, que nenhum dos povos e regiões afetados representava a santidade cristã. Sem a revelação pessoal de Deus, não podemos alegar conhecer a mente divina a respeito das razões e dos propósitos específicos para esses acontecimentos. Contudo, podemos ser tão específicos quanto a dedução a partir dos princípios escriturísticos nos permitir. Sobre essa base, o mínimo que podemos dizer é que ninguém deveria ficar impressionado com a idéia de que Deus tenha causado esses desastres para matar algumas pessoas como aplicação do juízo contra elas, e como advertência para os associados com elas.

Talvez alguns concordem que as vítimas desses desastres eram pecadores que mereciam o que lhes aconteceu. Eles eram idólatras, fornicadores, trapaceiros, opressores e amantes de si mesmos e da riqueza em vez de amarem a Deus. Entretanto, pode parecer a essas pessoas que admitir isso seja colocar mais lenha na fogueira, e desdenhar da memória delas. Embora eu entenda essa perspectiva, não simpatizo com ela por exaltar o homem a ponto de honrar quem se opõe a Deus, sem reconhecer a advertência proveniente da morte deles.

Em vez disso, quando o desastre acontece, deveríamos dizer: “Essas pessoas eram idólatras, avarentas, lascivas e ímpias ao extremo. Embora Deus possa ter outras razões, isso parece ser um juízo contra elas, e uma advertência para os outros. Não estou pronto para encontrar a Deus nesse momento. Se eu fosse uma das pessoas mortas, poderia estar sofrendo no inferno agora. Se o desastre me atingisse hoje, temo que Deus me lançaria da sua presença para ser atormentado no fogo do inferno para sempre. Preciso me arrepender. Isso não pode esperar nem mais um minuto. Devo me emendar agora”.

Isso também deveria nos fazer pensar sobre outras pessoas, de forma que lhes disséssemos: “Amigo, você não está pronto para se encontrar com Deus. O desastre poderia tê-lo fulminado hoje, ou sua vida poderia ter sido arrebatada ontem. Sua vida é apenas um vapor. Arrependa-se! Arrependa-se! Arrependa-se enquanto há tempo. Creia no Senhor Jesus Cristo. Abandone seus pecados. Destrua seus ídolos. Clame para que ele o salve dessa geração perversa”. Sim, lamente a morte das vítimas, até mesmo honre sua memória num nível humano, mas não faça deles santos e heróis se eram pecadores e transgressores. Antes, esteja ciente de que “se não se arrependerem, todos vocês também perecerão”.

Os réprobos não reagem dessa forma; os desastres os tornam mais obstinados. Eles afirmam entre si que as vítimas eram inocentes e honradas, e que não mereciam o que lhes aconteceu. Eles consideram impossível que Deus julgue dessa forma, ou que ele as julgue assim. E se esses desastres vierem mesmo de Deus, então ele deve ser denunciado e amaldiçoado como uma deidade injusta e indigna.

Que não haja nenhum mal-entendido: a perspectiva bíblica não nos impede de oferecer assistência prática aos sobreviventes. Isto é, mesmo que tenham sido os objetos do juízo divino, a Escritura nos ensina a demonstrar benevolência mesmo para os nossos inimigos. Puni-los por seus pecados é prerrogativa de Deus, na extensão e no momento em que ele escolher. Nosso dever é obedecer aos preceitos bíblicos relevantes sobre como tratar as pessoas. E, certamente, é ainda mais importante pregar-lhes o evangelho, e dizer que somente Jesus Cristo pode livrá-los da ira ainda maior que está por vir.

Quem nega a possibilidade de que esses desastres surjam como juízo divino contra os ímpios faz isso baseado em várias crenças e suposições que subvertem o entendimento apropriado da dogmática bíblica. Alguns deles parecem inferir que as pessoas são intrinsecamente boas e decentes, e não mereciam a morte horrenda que sofreram. Por isso, algumas pessoas falam como se Deus não as julgasse simplesmente por serem americanas. Também os israelitas caíram numa ilusão similar.

Em todo o caso, se o cidadão comum é inocente e não merece o julgamento rígido de Deus, o evangelho é desnecessário para a maioria das pessoas. Mas a Escritura ensina que todos pecaram contra Deus e transgrediram suas leis, de forma que todos merecem a morte e a destruição. Uma vez que afirmamos isso, não há razão para nos chocarmos quando Deus derrama sua ira sobre um grupo de pessoas, mesmo que mate milhares delas repentinamente. Ao contrário, isso deveria ser esperado.

Quem rejeita a possibilidade de que os desastres naturais e “realizados pelo homem” possam vir como juízo divino contra as vítimas não somente contradiz a doutrina bíblica da depravação humana, mas também representa Deus como alguém que não julgaria e puniria dessa forma. Às vezes, até mesmo cristãos professos são abalados pelos acontecimentos, e se perguntam o porquê de Deus “permitir” essas coisas. Mas isso mostra que eles nunca levaram a sério seriamente os relatos históricos da Bíblia a respeito ao grande Dilúvio no tempo de Noé, a destruição de Sodoma e Gomorra, e as pragas do Egito.

Deus sempre julgou os pecadores por meio de desastres naturais e dos “realizados pelo homem”, matando milhares deles num momento. Isso é totalmente coerente com sua natureza santa e justa. Não há problema nisso, a não ser o fato de que muitas pessoas não querem crer na verdade sobre Deus e sobre si mesmas. Ao negar que Deus é o Deus de desastres, transmitem às as pessoas a mensagem de que ele pode ser ignorado e até mesmo zombado com impunidade.

Apesar disso, o universo não é uma democracia, e não se pode democratizar ou “americanizar” o Reino do céu. Você não tem direitos que obriguem Deus a tratá-lo de certa forma. Para Deus não há liberdade de religião, nem de expressão e nem liberdade de pensamento – caso você creia, diga ou até mesmo pense da forma errada, Deus levará isso em conta e o castigará por isso, a menos que você tenha sido salvo de sua ira por Jesus Cristo.

Talvez você diga: “Isso faz de Deus um tirano”. Será Deus injusto, a menos que ele se conforme à sua teoria política? Essa própria objeção evidencia a depravação humana, e demonstra que os homens merecem os castigos divinos mais severos. E quem disse que Deus não pode ser um “tirano”? A etimologia desse vocábulo não carrega as conotações negativas que lhe são freqüentemente associadas; ele significa simplesmente “um governante absoluto, não limitado por leis ou constituição” (*Merriam-Webster*). Nenhum pecador merece tanto poder, mas o verdadeiro Deus não pode ter menos que isso.

Alguns cristãos professos resistem à doutrina bíblica da soberania divina com essa objeção — ela faz de Deus um tirano. A implicação é: ou eles rejeitam Deus como “governante absoluto”, ou alegam que um Deus que usa seu poder absoluto da forma que desagrada esses cristãos, abusa do poder. De qualquer forma, sua reação os torna rebeldes contra o Altíssimo, em vez de filhos submissos. O problema mais urgente, portanto, não é Deus ser corretamente

designado *tirano*, mas se essas pessoas são cristãs de fato. Se eles são cristãos verdadeiros, momentaneamente confusos, então que se corrijam imediatamente.

A verdade é que Deus não apenas “permite” os desastres, como se algo na criação tivesse poder para iniciar mudanças e movimentos próprios. Porém, segundo o nosso texto, assim como os pecadores “planejam maldades” e “tramam o mal em sua cama”, também Deus declara: “Estou planejando contra essa gente uma desgraça”. Da mesma forma que os pecadores planejam e realizam o mal ativamente (e não de forma passiva), Deus de modo ativo planeja e causa desastres contra eles.

Não somente ele planeja e causa desastres para afligir os pecadores, mas também deseja que as pessoas saibam que ele é o realizador de todas essas tragédias, e por isso envia seus profetas para anunciar o juízo. Quem nega que Deus planeja e causa desastres contra as pessoas, incluindo as mortas recentemente em catástrofes naturais e nas “realizadas pelo homem”, obscurece os ensinamentos bíblicos sobre Deus, o homem, o pecado, a providência, o juízo e o arrependimento. Aceitar esse conceito, portanto, equivale a um golpe mortal no entendimento apropriado e coerente da dogmática bíblica. Isso embainha a espada do Espírito, e diminui o poder e a urgência na pregação do evangelho.

Além de comprometer a dogmática bíblica, e pelo fato de realmente afetá-la, essa perspectiva que nega a possibilidade de Deus julgar os homens dessa forma – por meio de desastres naturais e dos “realizados pelo homem” – também ameaça a eficácia da apologética bíblica. Fala-se como se Deus não possuísse ou não exercesse controle constante sobre a própria criação. A natureza não é autônoma? Como seria? Qual sua fonte de poder? Ou, afirma-se que os desastres naturais acontecem porque nossos pecados corromperam a natureza. Mesmo que essa seja uma verdade, em certo sentido, ela não responde a pergunta. Não podemos fazer nem mesmo um cabelo tornar-se branco ou preto, e mesmo assim nossos pecados causam terremotos?

Pelo contrário, o ensino bíblico dá uma explicação clara, correta e coerente, e convoca, de forma convincente, à fé e ao arrependimento. É Deus quem ininterruptamente sustenta e controla toda a criação, quer a natureza, quer os animais, sejam os homens ou sejam os anjos. Nossos pecados têm, de fato, corrompido a natureza, mas isso acontece somente porque Deus decidiu que essas mudanças na criação aconteceriam em correspondência aos nossos pecados. Ele é quem sustenta e reforça essa relação.

Com toda a certeza, Deus decretou nossos pecados, mas agora estamos considerando a relação entre nossos pecados e a natureza. Deus disse a Adão: “Visto que você deu ouvidos à sua mulher e comeu do fruto da árvore da qual eu lhe ordenara que não comesse, maldita é a terra por sua causa; com sofrimento você se alimentará dela todos os dias da sua vida. Ela lhe dará espinhos e ervas daninhas, e você terá que alimentar-se das plantas do campo” (Gênesis 3:17-18). Adão não amaldiçoou a terra, pois ele não poderia produzir espinhos e ervas daninhas, mesmo que tentasse. Contudo, o pecado de Adão afetou a terra, não por haver uma relação necessária ou inerente entre os dois, mas porque Deus estabeleceu essa relação em sua mente, e então *amaldiçoou* a terra, após o pecado de Adão. O pecado é punido porque Deus deseja puni-lo, mas o pecado não possui onipotência – ele não pode controlar a natureza, muito menos pode criar o inferno e enviar a si mesmo para lá.

A perspectiva bíblica é coerente e convincente. Ela confessa com ousadia que Deus é quem faz todas as coisas. Assim, quando somos inquiridos: “Onde estava Deus quando isso

aconteceu?” (é uma vergonha que mesmo cristãos professos façam essa pergunta, não raro com profundo ressentimento), nunca deveríamos responder: “Deus apenas permitiu” ou “Deus não poderia impedir”. Antes, sem embaraço diremos que Deus planejou esse acontecimento desde o começo, e quando ele aconteceu, Deus estava certo ao causá-lo, realizando toda a sua vontade mediante suas boas razões e propósitos. Onde estava Deus quando isso aconteceu? Ele estava ali, realizando esse acontecimento, para a glória do seu nome e para o bem dos eleitos. E se ele não estivesse ali, isso nunca poderia ter acontecido.

Essa resposta bíblica sem dúvida provocará raiva e confusão, mas a diferença é sua veracidade: é bíblica e defensável. Poderemos, então, continuar e expor aos nossos ouvintes a soberania de Deus, a depravação do homem, e a salvação por Cristo. Os eleitos serão quebrantados e se voltarão para Deus com fé e reverência. Os réprobos serão endurecidos e amaldiçoarão esse Deus que exige obediência e pune a impiedade. Dessa forma, as palavras e os atos divinos separam a humanidade em dois grupos. Aqueles a quem Deus escolheu o aceitarão como ele é, e o adorarão por sua soberania e justiça. Os outros preferirão o Deus da sua imaginação, e serão condenados por isso.

Se você conhece um não-cristão que morreu num dos grandes desastres dos anos recentes – alguém que foi morto pela guerra, pelo terrorismo, por uma enchente, ou por um incêndio – não lamente pela forma como ele morreu, mas por seu sofrimento atual. Essa pessoa pode ser seu pai ou sua mãe, seu irmão ou sua irmã, seu filho ou sua filha, sua esposa, ou um amigo. Nesse exato momento, no inferno, o não-cristão está gritando em agonia extrema, torturado por uma dor sobrenatural. Enquanto amaldiçoa a Deus, ele ri dele. Ele implora para que Deus o liberte, mas ele aumenta seu sofrimento. Ele grita seu nome, mas você não pode ouvi-lo nem ajudá-lo. Ele relembra os tempos quando vocês dois ridicularizavam os cristãos e zombavam do Deus deles. Pensa sobre o tempo quando um cristão o desconcertou num debate, mas ele endurece o coração.

Lembra-se de como foi encorajado em sua incredulidade ao ler certo romance que registrava a história cristã como apenas uma grande conspiração. Agora ele percebe que a totalidade desse livro eram velhas teorias refutadas há muito tempo. Um dos recém-chegados ao inferno lhe diz que fizeram até mesmo um filme sobre o romance. O diabo ouve por acaso e ri: “As pessoas poderiam ser mais ingênuas? Vocês afirmam ser tão racionais e entendidos, tão avançados... E vocês foram enganados por um romance? Bem, vocês encontrarão seu autor em breve. Aí poderão pegar um autógrafo!”.

Não importa como o não-cristão morreu, ou que tipo de pessoa você pensa que ele era, se morreu incrédulo está agora no inferno – queimando, queimando, queimando! Combine todas as angústias mentais que você já sofreu e toda a agonia física já suportadas, multiplique sua intensidade um milhão de vezes, e estenda sua duração por toda a eternidade, e você terá uma idéia vaga do que ele passa neste exato momento. Mas nossa imaginação nos impede, pois tudo o que podemos imaginar é muito fraco quando comparado ao que Deus está fazendo ao seu amigo ou parente. Assim, eu me contenho, para que minha descrição não faça o inferno soar muito agradável. Deus nunca faz um serviço pela metade – o que promete, ele cumpre, e quando castiga, ele vai até o fim.

Você pode pensar que sou um homem rude e insensível por dizer tudo isso. Talvez seu amado também considerasse o evangelho e quem o pregasse a ele rude e insensível. Mas agora ele está no inferno, e é tarde demais. Ele está perdido para sempre. Mas ainda há esperança para você. Você ainda pode ser salvo, hoje, se Deus lhe der a graça para dizer:

“Deus, tem misericórdia de mim, pecador”. Corra para Jesus Cristo agora. Clame: “Senhor, salva-me”. Ele concederá luz para a sua mente débil, e vida para a sua alma miserável.

Finalmente, o que dizer sobre os cristãos que morrem? Certamente algumas pessoas dentre as milhares que pereceram eram crentes. Deus as julgou também? Não podemos afirmar além do que a Bíblia revela, mas podemos ser tão específicos como os princípios gerais revelados na Escritura nos permitir. É possível que alguns cristãos tenham sido incluídos como um ato final de disciplina paternal para com eles, de forma que, embora tenham morrido com o mundo, não foram condenados com o mundo. Ou, talvez alguns deles foram incluídos porque Deus usaria a morte deles para inspirar fé, reverência e santidade em outros, e ao mesmo tempo endurecer aqueles que Deus queria endurecer. Essas são apenas algumas das possíveis razões que podemos deduzir a partir da Escritura, das quais poderíamos derivar muito mais. Mas seria perigoso especular sobre a razão de Deus escolher um crente específico para morrer de tal maneira.

O que sabemos com toda a certeza é que esses cristãos não estão se queixando agora. Eles não estão gritando em agonia ou amaldiçoando a Deus pela forma que seu corpo pereceu. Eles estão descansando na presença de Deus, agradecidos, adorando e até mesmo pulando de alegria! Eles não mais sofrerão dor e enfermidade, ou guerra, terrorismo, enchentes ou incêndios.

Se o seu amado morreu como cristão, então saiba que ele recebeu conforto e recompensa abundantes por seu labor e sofrimento. E não há outro lugar onde ele desejaria estar, senão onde está agora. Não há necessidade de preocupar-se com ele, ou de chorar sobre como ele morreu. Pela graça de Deus, ele conseguiu, chegou lá. Agora é tempo de pensar sobre a condição da sua alma. Você tem a fé que ele tinha? Você se arrependeu de seus pecados e creu em Jesus Cristo para sua salvação, assim como o seu amado tinha feito? Em caso afirmativo, você o verá novamente, e que reunião será essa! Mas se você não se arrepender e não crer, então um dia Deus tirará sua vida e o lançará no lago de fogo. E você será contado com os assassinos, os adúlteros, os homossexuais, os caluniadores, os praticantes de feitiçaria, os amantes do dinheiro e do prazer, e todos os idólatras e incrédulos.